

**Resistência no *entre-lugar*: uma leitura da personagem Amélia do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir**

**Resistance in-between: a reading of the character Amélia from the novel *Chove nos Campos de Cachoeira*, by Dalcídio Jurandir**

Israel Silva Soares (UNIFESSPA) \*

**Resumo**

O estudo visa perfilar as reações da personagem Amélia, do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, frente às fendas ideológicas hegemônicas que se constituíram ao longo do tempo entre o homem branco e a mulher negra. Para tanto, a narrativa centraliza algumas personagens que se apresentam, em particular, com enunciados no *entre-lugar* que remetem às formações discursivas colonias de inferiorização a partir da cor, contudo, é nesse espaço que, também, encontra-se a figura feminina negra e suas relutâncias frente à estética hegemônica. Para realizar este intento é necessário debruçar à Amélia como mulher negra que fala e dá risos. O primeiro marca o deslocamento de sua subalternidade, o último baliza sua resistência frente aos “acontecimentos enunciativos” que se inscrevem numa formação ideológica. Ademais, a metodologia é traçar a personagem junto a autores que adotam teorias como estratégias de desestabilização e ruptura a ordem estabelecida sobre a alteridade. Dessa forma, os escritores como Homi K. Bhabha, Hugo Achugar, Gayatri Chakravorty Spivak, Frantz Omar Fanon e dentre outros norteiam a posição da personagem em discussão.

**Palavras-chaves:** Formação ideológica, discurso, inferiorização, mulher negra, resistência.

**Abstract**

The study aims to focus, in particular, on statements that refer to discursive formations colonies of inferiorization based on color. Therefore, the novel “Chove nos Campos de Cachoeira” by Dalcídio Jurandir brings some characters that corroborate the emergence of rifts between the white man and the black woman. To accomplish this intent, it is necessary to profile the character Amélia as a woman, poor and, above all, black in a social context constituted by the Eurocentric ideological formation. It is in proposing to Amélia that we find a black woman who talks and laughs. The former marks the displacement of his subordination, the latter marks his resistance to the “enunciative events” that are inscribed in an ideological formation. However, the methodology is to study Amélia's actions through authors who draw attention to the black condition, especially women, in the face of inferiority discourses. Writers such as Hugo Achugar, Gayatri Chakravorty Spivak, Frantz Omar Fanon and others guide the position of the character under discussion.

---

\* Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA, Campus de Marabá-Pará. Docente de Língua Portuguesa em escola pública, professor de cursos técnicos profissionalizantes e tutor de ensino superior de EAD. ORCID: 0000-0003-4655-8598. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9165850780202106>. E-mail: [israelyasmim4@gmail.com](mailto:israelyasmim4@gmail.com).

**Keywords:** Ideological formation, discourse, inferiorization, black woman, resistance.

## 1-INTRODUÇÃO

Dalcídio José Ramos Pereira, filho de Alfredo do Nascimento Pereira e Margarida, mais tarde batizado como Dalcídio Jurandir, “fez das terras amazônicas o seu salão do mundo. Do interior, um universo de beleza. Das limitações e agruras da vida, um apurado modo de educar a alma”, é o que afirma Paulo Nunes (2007), em *Útero de areia, um estudo do romance ‘Belém do Grão-Pará’*, de Dalcídio Jurandir. O legado do escritor perpassa o romance *Chove nos Campos de Cachoeira* até *Ribanceira*. Obras que desvelam, abrem caminhos a espaços negados e a pujança dos sujeitos silenciados, por meio da poética.

É em *Chove nos Campos de Cachoeira* que se encontra a personagem Amélia. Mulher que, antes de ir viver com Major Alberto, vive às margens das posições sociais mais elevadas por ser pobre e negra. As condições que a personagem vive são demarcadas por discursos hegemônicos a partir dos “polos” homem branco e mulher negra. As fendas que se nutrem por meio dessa alteridade são como se fossem um cisco no olho: incomoda.

Para fins meramente de organização, o trabalho está concentrado em duas partes principais: *Chove nos Campos de Cachoeira*: vozes que foram historicamente silenciadas no entre-lugar e Amélia: mulher negra à resistência dos pensamentos de superioridade. A primeira, a partir de uma discussão entrelaçando grandes teóricos como Homi K. Bhabha, Hugo Achugar, Gayatri Chakravorty Spivak, Frantz Omar Fanon e dentre outros, percebe como Dalcídio Jurandir trabalha com a formalização de uma linguagem que denuncia o estereótipo como agente discursivo da discriminação. A segunda parte do trabalho se concentra no estudo da personagem Amélia como mulher negra que não conversa muito e que vive a cuidar das feridas do filho Alfredo que, por sua vez, narra o romance. Na obra, Dalcídio Jurandir nos mostra como a Amélia lida com os estigmas no contexto social que vive. Cenário carregado de formações discursivas coloniais que se nutrem da relação de um homem branco e uma “mulher de cor”. O ambiente a qual Amélia se situa a marginaliza e se fecha para não aceitar sua negritude como se fosse uma doença.

É na segunda parte deste trabalho que se consegue enxergar Amélia, mulher e negra, que se posiciona a partir da consciência de existir e resistir frente a uma formação ideológica. A existência de Amélia vai além de um discurso ideológico de inferioridade. Para ela, tanto faz o “outro” ter ou não “milhões”, ser branco ou negro, o que importa para ela é o trabalho.

## 2- *Chove nos Campos de Cachoeira* no entre-lugar: vozes que foram historicamente silenciadas

Homi K. Bhabha propõe uma leitura *performática*<sup>1</sup> do mundo, que não se limite ao discurso oficial, mas uma leitura à contrapelo. Propõe trabalhar com a lógica da disseminação no sentido de movimento, aquilo que se espalha, e que coloca a necessidade de alargar o conceito de *nação* por ser um conceito que inclui vozes daqueles que vivem à margem da história oficial.

O problema não é simplesmente a individualidade da nação em oposição à alteridade de outras nações. Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação barra Ela/própria, alienada de sua eterna autogeração, torna-se um espaço liminar de significações que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural. (BHABHA, 1998, p. 210.)

Além disso, para compreender os discursos diferenciados que se interagem e inter-relacionam dando forma à hibridez tão difundida pelos Estudos Culturais, faz-se necessário a criação de estratégias que possam reformular as ideias do colonizador com vistas a construir novas concepções, com alteridade. Essa forma de diálogo cultural é chamado por Homi K. Bhabha *Terceiro Espaço*, como se fosse uma “fenda” a ser vislumbrada pelo estudioso. Esse “espaço” que intermedia a fixidez e o hibridismo cultural, Silviano Santiago, crítico literário, chama de *Entre-lugar*<sup>2</sup>.

As estratégias dos críticos, Bhabha e Silviano, que reformulam por meio de um “espaço” estabilidades, também é um lugar de tensões entre estética hegemônica e

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Homi K. Bhabha (1998, p. 209) significa “o aperfeiçoamento intervém na soberania da autogeração da nação ao alcançar uma sombra entre o povo com a “imagem” e sua significação como um signo diferenciador do Eu, distinto do outro ou do Exterior”.

<sup>2</sup> Segundo SANTIAGO apud. CHIARELLI (2007) “ (...) equivale a dizer meio caminho entre duas referências, da terra de origem e a da terra de destino.”

resistências de sujeitos que foram silenciados por ideologias de superioridades. *Chove nos Campos de Cachoeira* além apresentar um local de movimentos entre fixidez e hibridismo cultural traz tensões de relutâncias da mulher de cor e o homem branco.

## 2.1- Transitividade discursiva como ordem simbólica oposta aos sentidos hegemônicos

*Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, é uma obra que retrata de forma ficcional uma realidade local. O escritor fazendo uso de seus personagens descrevem alguns fatos sociais da Vila de Cachoeira do Arari, um povoado da Ilha do Marajó. É por meio da personagem Alfredo que se vislumbra as intrigas entre as pessoas, seus conflitos pessoais e coletivos, o cotidiano e a cultura. Além disso, Dalcídio Jurandir “toca em feridas” que ainda sangram até hoje dentro do município de Cachoeira do Arari: o eterno desejo da maioria dos jovens de saírem da cidade em busca de uma perspectiva de vida mais digna.

Além das questões supracitadas, Dalcídio Jurandir, de forma sutil, por meio do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, emergem heranças ideológicas de inferiorização a partir da cor. Segundo Dalcastagné e Eble (2017 p. 210), “Estes e tantos outros fantasmas emergem de nosso passado como escravista para ainda hoje habitarem o imaginário social brasileiro,...” E, de forma “dissimulada” se instala de forma sistêmica por meio de um enunciador que se filia à formação discursiva do colonizador para dar continuidade a uma estabilidade que se mantem por meio da não ruptura ideológica.

A formação ideológica é o “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 26.)

Para Pêcheux (1990), o Acontecimento discursivo é um discurso que se rompe e inaugura uma nova estabilidade discursiva e provoca um novo vir a ser. Entretanto, esse discurso de ruptura ideológica não ocorre entre alguns personagens de *Chove nos Campos de Cachoeira*. O que contribui a dizer que o romance é marcado por

enunciados que se inscrevem numa formação discursiva eurocêntrica no que diz respeito ideologias sobre os “polos”<sup>3</sup> branco e negro.

Embora, as personagens estejam filiadas a uma formação discursiva, como preceitua Pêcheux (1990), é possível perceber na obra construções linguísticas que marca afro-brasilidade, como a expressão *Oxalá*<sup>4</sup>. Além disso, *Chove nos Campos de Cachoeira* configura um projeto de transitividade discursiva, ou seja, nota-se no romance que Dalcídio Jurandir inclui vozes daqueles que foram historicamente excluídos valorizando uma nova ordem simbólica oposta aos sentidos hegemônicos. Para Spivak (2010), o subalterno não fala, principalmente a mulher, em especial a de cor. Porém, a personagem Amélia transgride a ordem estabelecida tanto no aspecto de figura feminina quanto na condição de negra.

Em decorrência das construções linguísticas em *Chove nos Campos de Cachoeira*, nota-se uma nova posição discursiva do narrador: a instauração de uma reorganização de saberes que abarca um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África. Sobre essa nova posição-sujeito de acontecimentos enunciativos dentro do romance, Indursky (2008, pp. 28-29), traz um posicionamento de que no

[...] acontecimento enunciativo apenas há instauração de uma nova posição-sujeito no interior de uma mesma Formação Discursiva. Dito de outra maneira: surge aí uma nova fragmentação em relação à forma-sujeito, ou seja, surge aí um novo modo de enunciar os sentidos desta formação discursiva, mas este novo modo não opera pelo viés da ruptura com a formação discursiva e com a formação sujeito. (...) Surgem novos saberes no interior da mesma Formação discursiva.

Embora não consiga estabelecer uma ruptura, a ponto de instaurar e desfiliar do discurso hegemônico, *Chove nos Campos de Cachoeira* chega a marcar a instituição de uma nova posição-sujeito no interior de uma mesma formação discursiva. É no âmbito desse espaço discursivo, no dizer de Silviano Santiago (2000, p. 47), “... que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminado em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone”. É nesse local que se percebe a personagem Amélia com anunciação própria e de pertencimento. Nota-se, de acordo com Duarte (2010, p. 116), um “negro como sujeito, numa atitude compromissada”.

<sup>3</sup> Frantz Fanon (1983, p. 40) discute o homem Branco e o Negro como representantes de “dois polos de mundo, polos em luta perpetua: verdadeira concepção maniqueísta do mundo.”

<sup>4</sup> Segundo crenças, como o candomblé, é um dos orixás mais importantes de cultos afro-brasileiros.

A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito de enunciação, fato que viabiliza a re-escritura da História do ponto de vista do negro. Edificando-se como espaço privilegiado da manifestação da subjetividade, o poema negro reflete o trânsito da alienação à conscientização. (DUARTE, 2010, p.117)

A sociedade está repleta de estigmas de inferiorização, principalmente no que se refere a “mulher de cor”. Amélia é uma personagem negra que Dalcídio Jurandir nos mostra como uma mulher que lida com os estigmas no contexto social que vive. Contexto carregado de formações discursivas coloniais que se nutrem da relação de um homem branco e uma “mulher de cor”. O ambiente no qual Amélia se situa a marginaliza e se fecha para não aceitar sua negritude como se fosse uma doença. “Frequentemente, a atitude do Negro diante do Branco, ou de um seu semelhante, reproduz quase integralmente uma constelação delirante que atinge as raias do patológico.”, é o que afirma Fanon (1983, p. 51).

Fanon (1983, p. 38), ao citar Mayotte, diz que ela (negra) “... ao amar um homem branco, aceita tudo. Ele passa a ser um senhor para ela, que ela não reclama nada, não exige nada, a não ser um pouco de brancura na sua vida.”, desejo que reforça ainda mais o que o autor diz sobre o negro e o branco:

[...] o Branco e o Negro representam dois polos de mundo, polos em luta perpétua: verdadeira concepção maniqueísta do mundo.  
Sou branco, então sou belo e virtuoso, virtudes que nunca foram negras. Sou da cor do dia...  
Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma afinidade com terra, uma perda do meu eu no centro do Cosmo... (FANON, 1983, p. 40)

É no romance *Chove nos Campos de Cachoeira* que Dalcídio Jurandir junta esses “polos maniqueístas” enaltecendo a mulher negra com sua capacidade de reexistir e resistir à formação discursiva eurocêntrica, a qual muitos personagens se inscrevem. É por meio de uma “pretinha de pernas tuíra” (Jurandir, 1995, p. 78) que, segundo Dalcastanè e Eble (2017, p. 211) afirmam: “Nesse contexto, o discurso afrodescendente busca a ruptura com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco,

objetivando a configuração de ‘uma nova ordem simbólica’ que expresse a ‘reversão de valores’”.

Amélia é negra, pobre e se situa à margem das posições sociais mais elevadas. Para Spivak (2010, p. 12), o sujeito subalterno é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. A escritora coloca ainda em xeque a possibilidade de o subalterno ser representado na fala para silenciá-lo. Ou seja, alguém fala pelo subalterno. E, na condição de mulher permanece “no lugar” demarcado ideologicamente que lhe foi reservado.

Entretanto, é em *Chove nos campos de Cachoeira* que se vislumbra a mulher, pobre e, sobretudo, negra que fala e balbucia. Para Achugar (2006, p.38), o “balbucio não pode produzir um pensamento ‘sistemático’ e ‘metódico’”. Para o autor o balbucio é uma língua aprendida e pelo seu viés é possível “maldizer”, “dizer mal”, “balbuciar”. Ou seja, balbuciar é um ato de resistência.

## 2.2 - Amélia: mulher negra à resistência dos pensamentos de superioridade

*Chove nos campos de Cachoeira* possui vários personagens, em nossa análise podemos apontar os principais: Eutanázio, um homem que vive uma profunda frustração e amargura da não correspondência de seus afetos por Irene. Irene, por sua vez, é uma mulher que sempre fez pouco caso de Eutanázio, um homem que além de possuir um amor doentio também leva consigo uma doença venérea adquirida por meio de Felícia, prostituta que, como ele, tem fome de afeto verdadeiro.

Major Alberto é um senhor sábio que coleciona catálogos, aprecia as artes e adora discutir a história da família real em Portugal e no Brasil. Para esclarecimento e entendimento da narrativa, Major Alberto casou-se duas vezes. Na primeira, a esposa morreu durante o parto de Eutanázio. O último casamento é com Amélia, mulher que vive junto com ele no romance.

Amélia é uma mulher negra, que não conversa muito e que vive a cuidar das feridas do Filho Alfredo, esse por sua vez, achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta: “envergonhava-se por ter de achar esquisito” (JURANDIR, 1995, p.123)

Amélia era mulher “[...] pretinha de Muaná, neta de escrava, dançadeira de coco, de isguetes nas ilhas, cortando seringa, andando pelo Bagre, perna tuíra, apanhando açaí, gapuiando, atirada como homem.” (JURANDIR, 1995, p.78). Entretanto, Major Alberto não achava na “Amélia uma pretinha que nunca andava molambenta e azeda.” E, às vezes, dialogava quando necessário.

-Ele me convidou. Não me assanhei para o lado dele. Tenho a consciência tranquila de que não fiz nada para ele me convidar. Vai-se é para trabalhar para ele. Sou uma pobre. Cozinho, lavo, engomo e depois é a minha sorte de ir agora com ele. (JURANDIR, 1995, p.79)

É perceptível em *Chove nos Campos de Cachoeira* que o narrador dá nomes e atribui características às personagens mesmo que cada uma delas esteja em hierarquias diferentes. O aparecimento de Amélia, focado pelo narrador, dá-se pelo nome dela, a fala e a cor. A cor, vislumbrada pelo narrador, traz marcas de inferioridade dentro da narrativa “[...] pretinha de Muaná, neta de escrava, dançadeira de coco...”. E, que até o próprio filho, Alfredo, tinha vergonha de ter uma mãe negra com um pai branco.

Alfredo Achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta. Envergonhava-se por ter de achar esquisito. Mas podia a vila toda caçar deles dois se saíssem juntos causava-lhe vergonha, vexame, não sabia que mistura de sentimentos e faz-de-conta. (JURANDIR, 1995, 20)

Para Pêcheux (1990), um discurso que não se rompe com a estabilidade anterior - aqui discutindo o discurso do colonizador - engendra-se na mesma formação discursiva a partir da restauração de uma memória. O narrador ao descrever o comportamento de Alfredo, inscreve o discurso na formação discursiva do colonizador que ainda reverbera na sociedade, principalmente no que se refere à mulher negra. Um exemplo claro sobre isso é a postura social na qual entendem sobre conceber Amélia, mulher negra e Major Alberto, homem branco enquanto pessoas que irão viver juntas: “As filhas brigaram, mandaram recados ameaçadores, peitavam gente para convencer Amélia não dar aquele passo. Era uma pretinha.” (JURANDIR, 1995, 78)

Para Amélia, antes de ir morar com Major Alberto, uma das amigas diz: “Vai sua besta... Deixa de ser besta e embarca. Tua vai tirar o pão da boca das filhas?” (JURANDIR, 1995, p.79). Depois que Amélia foi morar com Major Alberto, o narrador



declara: “Amélia ficou sendo em Cachoeira a ‘Dona Amélia’.” (JURANDIR, 1995, p. 80). As proposições nos conduzem a Fanon (1983, p.38), ao citar Mayotte Capécia, quando diz: “admita-se que se é branco a partir de alguns milhões”. Mesmo que os enunciados não tenham sido elencados por Amélia, percebe-se que o contexto social abre uma fenda ideológica “maniqueísta” entre o negro e branco. No dizer de Fanon (1983):

(...) o Branco e o Negro representam dois polos de mundo, polos em luta perpetua: verdadeira concepção maniqueísta do mundo.  
Sou branco, então sou belo e virtuoso, virtudes que nunca foram negras. Sou da cor do dia...  
Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma afinidade com terra, uma perda do meu eu no centro o Cosmo... (FANON, 1983, p. 40)

O contexto no qual Amélia está inserida nos faz entender que brancos não se casam com uma mulher negra, e que a mulher negra pode ser branca a partir de alguns “milhões”. Por conseguinte, ter respeito e nome numa sociedade constituída por valores hegemônicos.

Entretanto, embora Amélia seja negra e vítima de estereótipos que sobrevivem ao longo do tempo, percebe-se que ela transgredir uma ordem estabelecida e incomoda os preceitos hegemônicos em Cachoeira do Arari, e desloca o romance *Chove nos Campos de Cachoeira* do reduto da literatura geral/branca. Assim, observa-se na fala do narrador:

Eram pretas as mãos que sararam as feridas, pretos os seios,...  
[...] pretinha de Muaná, neta de escrava, dançadeira de coco, de isguetes nas ilhas, cortando seringa, andando pelo Bagre, perna tuíra, apanhando açai, gapuiando, atirada como homem. (JURANDIR, 1995, pp. 20,78).

Enquanto o narrador coloca as ações de Amélia como marca de inferioridade, a personagem é recuperada pela positividade expressa na linguagem do narrador, pois “dançadeira de coco”, além de representar a cultura afro-indígena, aparece em cenários marcados pela estética do colonizador como instrumento de valorização cultural e reversão.

... um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. Ou de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de resignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. (DUARTE, 2010, 131.)

Alfredo, narrador do romance *Chove nos campos de Cachoeira*, não se desfilia da Formação Discursiva ideológica do colonizador em relação Amélia. Porém, inscreve-se em outra posição-sujeito com novos saberes a qual passa enunciar a partir do que pensa a personagem Major Alberto: “Major Alberto sempre achava na Amélia uma pretinha que nunca andava molambenta e azeda.” ( JURANDIR, 1995, p.78). Para Indusky (2008, pp. 28-29):

(...) o acontecimento enunciativo apenas há instauração de uma nova posição-sujeito no interior de uma mesma Formação Discursiva. Dito de outra maneira: surge ai uma nova fragmentação em relação à forma-sujeito, ou seja, surge ai um novo modo de enunciar os sentidos desta formação discursiva, mas este novo modo não opera pelo viés da ruptura com a formação discursiva e com a formação sujeito. (...) Surge novos saberes no interior da mesma Formação discursiva.

São esses novos saberes, provocados por Indusky (2008), que nos remete a dizer que Amélia não é exatamente o que o meio social e o narrador, ideologicamente, pensam sobre a personagem. Amélia configurada como uma mulher negra e suja a partir de suas ações, e que a sociedade a embranquece a partir de “alguns milhões” são elementos que se engendram na formação discursivas do narrador. Porém, quebrados a partir de novos saberes do narrador, pois “molambenta” e “azeda” é um pensamento de Alfredo e não do Major Alberto que denuncia que Amélia não traz essas características, embora “preta” e “tuíra”. O mesmo percebe-se também por meio das amigas da personagem como quando dizem: “- Vai sua besta! Só por que és preta? Mas é uma preta nova e limpa. És caprichosa. Porque tem esse gênio pensam que andas de fogo aceso para homem. Não te importa.” (JURANDIR, 1995, p. 79)

Para Fanon (1983, p.83), “(...) o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: tornar-se branco ou desaparecer, mas ele deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir...” É exatamente isso que Amélia nos possibilita enxergar: a

sua existência como mulher negra independente de ser casada ou não com um homem branco. Para ela tanto faz ter ou não “milhões”, ser branco ou negro, o que importa para ela é o trabalho.

Amélia resolveu-se:

-Ele me convidou. Não me assanhei para o lado dele. Tenho a consciência tranquila de que não fiz nada para ele me convidar. Se vou trabalhar para ele. Sou uma pobre. Lavo, engomo e depois é minha sorte ir agora com ele. Sou uma mulher para trabalhar. Se a minha sorte está marcada pra ficar com ele, fico.(...) Não vou atrás de dinheiro dele porque sei que ele não tem. (JURANDIR, 1995, p. 79)

Spivak, em *Pode o subalterno falar?* (2010), traz reflexões a respeito do intelectual como cúmplice, de poder falar pelo outro como mecanismo de resistência mas, para escritora, nada mais seria do que uma forma de silenciá-lo. Tendo em vista que Amélia é descrita pelo narrador como mulher e, sobretudo, negra, a possibilidade de ser subalterna é mais arduamente imposta, visto que se trata do gênero feminino: “Mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p.15).

(...) o processo de fala se caracteriza por uma posição discursiva, uma transação entre falante e ouvinte e, nesse sentido, conclui afirmando que esse espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o sujeito subalterno que, desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato, não pode falar. (SPIVAK, 2014. p. 15)

Entretanto, Amélia fala e é capaz de decidir seu próprio destino e seus sonhos. Ela tem consciência da sua existência. Embora negra, tuíra, e pobre, não se deixa submeter ao silêncio de subalterna. Dessa forma, percebe-se na imposição de Major Alberto à Amélia ao desejar o interesse por uma mulher, e a decisão é tomada pela própria personagem:

-Quero uma pessoa pra ir comigo para Cachoeira. Queres ir comigo?  
-Não sei seu Alberto  
-Vais, e se te acostumares...  
-Vou pensar... (JURANDIR, 1995, p.78)

No poema “Antes que chova” (2017), de Lívia Natália, apresenta-se a figura de uma mulher além da subalternidade masculina: “[...] Antes que ele chegue eu já sou

mulher, /sou inteira e nada me aparta de mim. / Ele a mim se acrescenta, / onde nada falta. [...]” ( NATÁLIA, 2017, p.67). Assim como para Amélia, a quem tanto faz estar vivendo com Major Alberto ou não. “Se a minha sorte está marcada pra ficar com ele, fico. . (...) Sou mulher para trabalhar (...) Não vou atrás de dinheiro dele porque sei que ele não tem.” (JURANDIR, 1995, p. 79).

Outro ponto importante da posição social de Amélia, enquanto mulher negra e neta de escravos, no contexto social de *Chove nos Campos de Cachoeira*, é como ela se protege dos desdém das pessoas, principalmente das filhas de Major Alberto por não aceitarem o relacionamento de uma “preta” com um branco.

[...] As filhas brigaram, mandaram recados ameaçadores, [...] Seu pai estava de cabeça virada para uma negra. Uma cortadeira de seringa! Com filhas moças e amigado com uma preta que virava mundo pelas Ilhas.

Amélia só fazia soltar sua risada. ( Jurandir, 1995, 78)

Segundo Anzaldúa (1981, p. 235) a mulher “... deve ser sensível suficiente para o beijo, mas suave e dura o bastante para protegê-la do desdém. Se for pra cuspir na cara do mundo, tenha certeza de estar de costa para o vento.” O riso é uma proteção que, além de ignorar uma postura, é uma resistência frente à formação discursiva do colonizador. Para Achugar (2006, p.38), o “balbucio não pode produzir um pensamento ‘sistemático’ e ‘metódico’”. Para o autor o balbucio é uma língua aprendida e pelo seu viés é possível “maldizer”, “dizer mal”, “balbuciar”. Em outras palavras, é uma resistência. Sendo assim, percebe-se que o riso de Amélia é uma força frente às imposições discursivas do colonizador.

### **Considerações finais**

Debruçar-se sobre o romance *Chove nos Campos de Cachoeira* é encontrar muitos personagens que foram muito bem escolhidos por Dalcídio Jurandir. Amélia traz, de maneira exemplar, o papel importante da posição da mulher negra frente às fendas ideológicas de inferiorização. E, perceber isso por meio de Amélia abriu caminhos para refletir sobre as possibilidades de enxergar a mulher negra em constante conflito diante de uma sociedade cheia de resquícios coloniais.

O entendimento da cor da pele negra de Amélia no romance é uma característica que se reverbera de forma sistêmica. Mas as ações da personagem são mais fortes porque ela tem consciência de pertencimento.

## REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, literatura e cultura**. Trad. Lisley Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- ANZALDÚA, Gloria (1981). “**Speaking in tongues: a letter to Third World women writers**”. In: MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). *This bridge called my back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen Table, p. 165-74.
- BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Elian Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- DALCASTAGNÈ, Regina. EBLE, Laeticia Jensen. **Literatura e exclusão**. Porto Alegre, Zouk, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele Negra. Mascara Branca**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1993.
- HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. [1971]. **A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso**. In: BARONAS, R. L. **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção - conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, pp. 13-32
- INDUSKY, Freda. **As noções de sujeito em análise do discurso: do desdobramento à fragmentação**. In: ENCONTRO DA ANAPOLIS, 15, Niterói. 2000.
- \_\_\_\_\_. **Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da nação de sujeito na análise do discurso**. In: MIIMANN, Solange; Evandra; CAZARIN, Ercília Ana ( Org. ). *Práticas discursivas e identidade: sujeito e línguas*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. 4 ed. Belém: Cejupa, 1995.
- PACHECO, Agenor Sarraf. **Paisagens Enegrecidas: Linguagens e vivências afroindígenas em narrativas marajoaras**. In: *Asas da palavra – revista de letras*, V.13n. 26. Belém: UNAMA, 2010/2011.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. De Eni Puccineli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- SILVA, Cidinha da. **Sobre-viventes**. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016
- SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942-. **Pode o Subalterno Falar?**. Trad. Sandra Regina Goulart, Marcos Pereira, André Ferreira Feitosa. Belo Horizonte UFMG. Belo Horizonte, 2010.

